

PSICOLOGIA CULTURAL: A CONCEPÇÃO DE CULTURA EM BRUNER E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO.

Bruna Angélica Borges ¹

INTRODUÇÃO

A cultura é um dos temas mais complexos a ser estudado e discutido no âmbito acadêmico e científico, haja vista a pluralidade de entendimentos, significados e teorias que a cerceiam, bem como a diversidade de profissionais que estudam e pesquisam nesse campo, como por exemplo, psicólogos, pedagogos, filósofos, sociólogos, antropólogos, biólogos, historiadores, entre outros.

Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo analisar a concepção de cultura para Bruner e a sua importância para a Educação. Dentre os estudiosos das questões culturais, destacam-se neste artigo os trabalhos de Vigotski (1995), Geertz (1989), Bruner (1997) e Veiga-Neto (2003). Contudo, é importante destacar que, ao se fazer uma reflexão acerca da cultura, é fundamental compreender o contexto histórico e cultural no qual cada teórico viveu e produziu os seus estudos.

No caso de Bruner, seus estudos nesse campo pertenceram às duas últimas décadas do século XX, foram realizados no contexto da América do Norte e da Europa e teve como marco político e social o conflito ideológico da Guerra Fria.

Jerome Bruner, psicólogo norte-americano, que faleceu em maio de 2016 com 101 anos de vida, concluiu a sua licenciatura em 1937, na Duke University e doutorou-se em Psicologia em 1941, na Harvard University. Foi durante muitos anos professor na Harvard University, também ensinou e fez investigação na New School for Social Research, e até o fim de sua vida produziu como professor emérito na New York University. Possuía doutoramentos “honoris causa” pelas Universidades de Yale, Columbia, Sorbonne, Berlim e Roma. É membro da Sociedade de Pesquisa em Desenvolvimento Infantil e da Associação Americana de Psicologia e possui uma obra muito diversificada que foi traduzida na área da educação, pedagogia e psicologia. Embora Bruner seja um psicólogo por formação e tenha

¹ Mestra em Psicologia (UNIR). Doutoranda em Educação (UFMS). Psicóloga Escolar/Educacional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) – Campus Ariquemes, bruna.borges@gmail.com

dedicou grande parte das suas obras ao estudo da psicologia, ganhou grande notoriedade no mundo da educação graças à sua participação no movimento de reforma curricular, ocorrido nos Estados Unidos, na década de 60.

A primeira revolução cognitiva do final da década de 1950 e início da década de 1960 foi um marco para a obra de Bruner, uma vez que foi uma resposta ao objetivismo behaviorista, escola predominante da época, que descartavam as atividades simbólicas dos seres humanos (RABATINI, 2010).

Segundo a autora, nessa época ocorreu uma mudança paradigmática, uma vez que o comportamento deixou de ser apenas objeto e passou a ser dado de pesquisa nas ciências humanas. Dessa forma, o objetivo agora era tentar descobrir quais os mecanismos internos da mente que geravam determinado comportamento.

Isso fez com que nascessem duas correntes na Psicologia, que Bruner (2011) denominou de “visão computacional” e “culturalismo”. Na primeira, a educação seria limitada ao processamento de informações, enquanto na segunda, a educação é entendida como parte integrante de uma concepção mais ampla, que é a de cultura.

Posteriormente, na década de 1980 e estendendo-se até os dias atuais, a segunda revolução cognitiva, também chamada de interpretativismo, foi caracterizada pelo ressurgimento do interesse pela “cultura da educação”, tanto teoricamente como nas práticas em sala de aula, buscando assim interpretar os fenômenos cognitivos sempre à luz da cultura humana, dirigida à produção de significados (CORREIA, 2003).

Portanto, enquanto a primeira revolução se voltou contrária a um positivismo reinante na psicologia, essa segunda revolução buscou diminuir o tecnicismo a que se voltaram às áreas humanas no campo da Psicologia e da Educação.

A Psicologia Cultural teve o campo da educação como referência para suas pesquisas, visando inicialmente o enriquecimento nos conteúdos da escola norte-americana e a elaboração de novo modelo pedagógico de ensino-aprendizagem. Desse modo, conforme aponta Rabatini (2010), o desenvolvimento dessa psicologia teve como ideia central os significados culturalmente produzidos e compartilhados e a premissa de conseguir ver a si mesma inserida nos processos culturais de compartilhamento e negociação de significados.

A CONCEPÇÃO DE CULTURA EM BRUNER

Na visão de Bruner (2001), a cultura compõe uma concepção central para a psicologia e por esse motivo assumiu um caráter nuclear em sua obra. Sendo assim, para analisar a sua concepção de cultura é necessário atentar a três núcleos essenciais de análise, que são: universo simbólico, narrativa e comunidade cultural.

Segundo ele, o papel constitutivo da cultura seriam os sistemas simbólicos, que dão significado às ações dos indivíduos e expressam a sua realidade particular. A mente é “moldada” pela cultura e faz parte de um processo evolutivo do homem, que estaria ligado ao desenvolvimento de uma forma de vida, onde a realidade é representada por um simbolismo compartilhado entre os membros de uma comunidade cultural, elaborado, conservado e transmitido para outras gerações:

Dessa forma, não podemos compreender o ser humano e sua ação sem conhecer tanto a cultura como a biologia, e não podemos entender a ação humana sem considerar o seu caráter situacional. A cultura, então, não pode ser vista simplesmente como algo acrescentado à *mente natural*, pois aquela é constitutiva desta. A cultura cria uma rede de expectativas mútuas entre os humanos, uma espécie de *sintonia* que não é vista em nenhuma outra espécie (CORREIA, 2003, p. 509).

A Psicologia Cultural considera a linguagem o seu principal signo de análise, de maneira que concepções como habilidade, narrativa, *self*, pensamento e realidade a possuem como eixo central. Assim, o meio mais eficaz para acessar e interpretar essas experiências humanas seria por meio da narrativa, que é considerada uma fonte de dados valiosa para o estudo da mente.

Nesse sentido, a cultura, a linguagem e as técnicas seriam os meios que facilitam a emergência de modos de representação, tornando o desenvolvimento cognitivo mais rápido conforme melhor for o acesso da pessoa a um meio cultural rico e estimulante. E dessa forma, a evolução humana ocorreria com o surgimento destes sistemas simbólicos compartilhados, superando as restrições biológicas humanas (RABATINI, 2010).

A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E EDUCAÇÃO

Bruner considera que a prática educacional é o cenário apropriado para testar a Psicologia Cultural, uma vez que, conforme aponta Correia (2003), nesse contexto é possível

averiguar a influência da cultura na aprendizagem escolar ou o seu papel capacitador no desenvolvimento mental, bem como verificar a relevância desta psicologia para a educação.

Nesse sentido, algumas das discussões de Bruner referem-se diretamente às relações entre a Psicologia Cultural e a Educação, onde o autor estabelece alguns preceitos, mutuamente relacionados, que deveriam orientar a abordagem psicocultural. Tais preceitos “ênfatisam os poderes da consciência, da reflexão, da amplitude de diálogo e da negociação” e mostram a necessidade de “equipar as mentes com habilidades para compreender, sentir e agir no mundo cultural” e, assim, não correr o risco de instituir certa alienação, oposição e incompetência prática que poderiam até inviabilizar uma cultura (BRUNER, 2001, p. 46):

Tentei mostrar no começo que a educação não é simplesmente uma atividade técnica de processamento de informações bem administrada, e nem apenas uma simples questão de se aplicar “teorias da aprendizagem” à sala de aula ou de utilizar os resultados de “testes de aproveitamento” centrados no sujeito. Trata-se de uma atividade complexa de adequar uma cultura às necessidades de seus membros e de adequar seus membros e suas formas de saber às necessidades da cultura.

Bruner define a ação humana por meio dos sistemas simbólicos profundamente arraigados na cultura e na língua, acessíveis através da participação com os outros em atividades culturalmente organizadas, como por exemplo, a educação.

No entanto, embora ele tenha evidenciado a importância da ação e da participação em atividades compartilhadas e da negociação de significados para um sistema em construção, a realidade observada nos contextos educacionais ainda é divergente, uma vez que continuam se assemelhando mais à concepção computacional.

Diante disso, Bruner (2001) defendeu a aplicação da teoria psicológica à prática educacional, de modo que o conhecimento teórico fosse situado na sala de aula ou em outro contexto real. Para que isso ocorresse, ele propôs a denominada Pedagogia Popular, que é um instrumento da Psicologia Cultural que leva em conta as intenções, as vicissitudes e as crenças dos indivíduos no contexto em que nascem e os seus significados institucionalizados.

Sobre isso, Rabatini (2010) entende que na proposta dessa Pedagogia Popular, Bruner não fez distinção entre os conhecimentos teóricos de conteúdos escolares e as ideias idiossincráticas dos indivíduos. Ainda para a autora, Bruner também não diferiu um profissional (o professor, por exemplo) de qualquer pessoa que possa ensinar algo a uma criança. Dessa forma, a Pedagogia Popular poderia ser a ação de qualquer sujeito, como uma babá, uma mãe ou um professor em socializar seu conhecimento com uma criança.



Assim, a educação se apresenta como mediadora da relação entre mente e cultura, sendo que à cultura ou “kit de ferramentas”, como o próprio Bruner (2001) denominou, caberia o papel de fornecer os instrumentos a serem assimilados pelos indivíduos por meio da educação. Nessa perspectiva, a aquisição do conhecimento pelos alunos se daria de forma derivacional, já que se consideraria que a criança já conhece o suficiente para ir além.

Compreendendo a linguagem como sendo a realidade dos seres humanos na medida em que ela é o principal signo a representar a mente humana, Bruner entende a narrativa como uma forma de introspecção convertida em linguagem, ou seja, como uma forma de organizar as suas experiências e seu conhecimento, apreender e reorganizar a sua realidade.

Nesse sentido, o uso de narrativas no contexto educacional contribuiria para a construção da identidade do aluno dentro da cultura em que ele está inserido, ou seja, o aluno poderia criar uma versão do mundo na qual ele mesmo vislumbraria um lugar para si, criando o seu mundo pessoal, e re-significando suas práticas sociais (RABATINI, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia Cultural se constitui no campo pedagógico como construtivismo social e tem como pressuposto central os significados culturalmente produzidos e compartilhados, sustentando assim que o aluno tem a sua realidade de produção de significados moldada pelas tradições, pelo conjunto de ferramentas e formas de pensamento de uma cultura.

Dessa forma, considerando que a produção realizada no espaço escolar precisa ser analisada dentro do contexto cultural para que possa produzir sentido, é necessário que a escola reproduza a cultura na qual os seus alunos já estão inseridos, de modo que conhecer a escola seja o mesmo que conhecer a cultura.

Assim, entende-se que um processo educativo eficaz é aquele no qual o aluno toma consciência de sua prática e pode adaptar-se melhor no mundo onde se encontra, no entanto, isso implicaria em uma transformação da escola, do papel do professor e também da cultura em geral.

Palavras-chave: Cultura; Psicologia Cultural; Educação.

REFERÊNCIAS



BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CORREIA, M. F. B. A constituição social da mente: (re)descobrimo Jerome Bruner e construção de significados. **Estudos de Psicologia**, vol. 8(3), 2003, p.505-513.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

RABATINI, V. G. **A concepção de cultura em Bruner e Vigotski: implicações para a educação escolar**. Dissertação (mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP/Araraquara, 2010.

VEIGA-NETO, A. Cultura, Culturas e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Obras Escogidas**, Vol. III. Madrid: Visor, 1995.